

## **Eduardo Lourenço & Fernando Pessoa: o eu como ficção e a questão da heteronímia**

Eduardo Lourenço & Fernando Pessoa: the self as fiction and the problem of heteronymy

Nuno Ribeiro<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo procura elucidar os elementos fundamentais da leitura que o ensaísta e pensador português Eduardo Lourenço realiza da obra de Fernando Pessoa tendo por eixo fundamental a tematização da questão do eu como ficção enquanto gênese da heteronímia pessoana.

**Palavras-Chave:** Eduardo Lourenço; Fernando Pessoa; eu como ficção; heteronímia.

**Abstract:** This article intends to elucidate the fundamental elements of the reading that the Portuguese essayist and thinker Eduardo Lourenço carries out of Fernando Pessoa's work, having as main axis the thematization of the problem of the self as fiction as the genesis of Pessoa's heteronymy.

**Keywords:** Eduardo Lourenço; Fernando Pessoa; self as fiction; heteronymy.

Nas obras de Eduardo Lourenço e Fernando Pessoa encontramos inúmeros indícios que nos possibilitam estabelecer a relação entre o eu como ficção e a questão da heteronímia. Com efeito, a leitura que Lourenço faz da heteronímia pessoana tem como um dos elementos

---

<sup>1</sup> Investigador do IELT – Instituto de Estudos de Literatura e Tradição, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Doutor em Filosofia com uma tese sobre o espólio filosófico de Fernando Pessoa. E-mail: nuno.f.ribeiro@sapo.pt

fundamentais a tematização da questão do eu como ficção enquanto gênese dos heterónimos. Encontramos um explícito exemplo disso no texto lourenciano intitulado «Fernando Pessoa ou o eu como ficção», onde lemos:

A partir do eu como instância fictícia, Fernando Pessoa compôs para si próprio uma ópera. Assim nasceu um dos mitos literários mais perturbadores deste século, o poeta sem nome que lhe seja próprio, criador de outros poetas em nome da única ficção que os torna possíveis: a do eu como ficção. Na ópera poética de Pessoa, representada num espaço fechado, contracenam o seu eu-ficção e as ficções destinadas a dar-lhe a ilusão de realidade. Para ele, não é só a vida verdadeira que está ausente. Toda a vida é ausência. Há que tornar visível, sensível, essa ausência ontológica, a inanidade inesgotável da nossa existência. O próprio Fernando Pessoa chamou heteronímia a esta manifestação de si sobre um fundo de ausência, ou seja, a invenção de eus-outros tão fictícios e tão reais como o «eu» Fernando Pessoa. (LOURENÇO, 2022, p. 157)

De acordo com este texto, a criação da heteronímia a partir do eu como ficção constitui-se tendo como base um fundo de ausência ontológica. Lourenço afirma explicitamente, no trecho acima citado, que para Pessoa «Toda a vida é ausência» (LOURENÇO, 2022, p. 157). Esse fundo de ausência aponta para um Nada ontologicamente originário que seria a condição de possibilidade da constituição dos heterónimos pessoanos, conforme nos elucida Miguel Real a respeito de Lourenço no livro *Pessoa & Saramago*, onde se lê:

Eduardo Lourenço, nos seus diversos textos sobre Pessoa, evidenciou a categoria ontológica do Nada como motor originário da obra deste autor, a obra de Pessoa como «experiência do Nada», contraposta à experiência civilizacional do Ser (a unidade de valores, articulados em essências, prestadoras de sentido ontológico à existência). É justamente a partir deste lugar suspensivo da História (o Nada) que a consciência pessoana se multiplica em heteronímia, exprimindo, como «drama em gente», como ficção teatral, como criação de personagens interiores «dramáticas», uma realidade fragmentada, nadificada. Nesse sentido, Pessoa teria trazido o «Nada» ontológico para o centro da cultura portuguesa, figurando-a com a sua nova face euro-

peia, modernista, expressão estética da «crise do sujeito» narrativo, mas também, como acentua Robert Bréchon, como expressão de uma «crise cultural europeia» (...). (REAL, 2021, pp. 68-69)

De acordo com Real, a categoria do Nada, na interpretação lourenciana de Pessoa, constitui-se como o motor originário da criação pessoana da multiplicidade de heterónimos, o que se configura como uma contra-resposta à «experiência civilizacional do Ser» (REAL, 2021, p. 69), isto é, à caracterização do Ser entendido no sentido unitário ou, para usar as palavras de Miguel Real, enquanto «unidade de valores, articulados em essências, prestadoras de sentido ontológico à existência» (REAL, 2021, p. 69). A experiência do Nada como condição de surgimento da heteronímia é explicitamente afirmada por Eduardo Lourenço no texto «Fernando Pessoa ou o eu como ficção», onde se lê:

Fernando Pessoa é portanto ele próprio e também o cortejo de Pessoa-outros a quem, como ele, damos nomes: Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos, Bernardo Soares, António Mora e alguns mais. Em suma, todo o mundo e ninguém. Como toda a gente, encarnações do anonimato essencial do eu enquanto eu moderno. O génio de Pessoa reside na antecipação: multiplicou máscaras sobre o rosto do nosso nada. (LOURENÇO, 2022, p. 157)

No entanto, se é certo que Eduardo Lourenço aponta a experiência do Nada enquanto possibilitante da génese dos heterónimos, essa experiência não se encontra desvinculada da questão da pluralidade – em particular, da temática do sujeito como pluralidade – em Fernando Pessoa, como nos alerta Real no livro *Pessoa & Saramago*, chamando particular atenção para o livro lourenciano intitulado *Pessoa Revisitado*:

(...) Eduardo Lourenço é o primeiro autor a afirmar a necessidade de uma leitura plural, disseminadora, «diabólica», desconstrutiva, instável, contingente, nómada, fragmentária, da obra pessoana. O ponto

de viragem afirmador da necessidade da figura da pluralidade estética ou do fragmento como dispositivo ontológico e estético revelador da totalidade da obra de Pessoa residiu na publicação, em 1973, do livro *Pessoa Revisitado*, de Eduardo Lourenço. Como afirma o autor: «o equívoco original [...] consistiu em tomar Caeiro, Campos e Reis como fragmentos de uma totalidade que convenientemente interpretados e lidos permitiriam reconstituí-la ou pelo menos entrever o seu perfil global. A verdade é mais simples: *os heterónimos são a totalidade fragmentada* e nenhuma exegese por mais hábil ou subtil a pode reconstituir a partir deles. Por isso mesmo e por essência não têm leitura *individual*, mas igualmente não têm *dialéctica* senão na luz dessa totalidade de que não são *partes*, mas plurais e hierarquizadas maneiras de uma única e decisiva fragmentação» (...). (REAL, 2021, pp. 117-118)

Neste trecho, Miguel Real alerta para a circunstância de a obra *Pessoa Revisitado* de Lourenço, publicada em 1973, se configurar como um ponto de viragem na interpretação lourenciana da criação literária pessoana ao propor a figura da pluralidade estética enquanto «dispositivo ontológico e estético revelador da totalidade da obra de Pessoa» (REAL, 2021, p. 117). Para além do trecho de *Pessoa Revisitado* do filósofo e ensaísta português citado por Real, encontramos ao longo dos escritos lourencianos inúmeros outros indícios da relevância da questão da pluralidade para a compreensão da criação heteronímica. Um claro exemplo disso corresponde a um texto póstumo do espólio de Eduardo Lourenço intitulado «Os Heterónimos», onde o ensaísta apresenta a génese da pluralidade pessoana – extraída de um Nada originário – como reflexo da uma ausência de um todo:

Com a criação heteronímica, Fernando Pessoa criou uma das legendas míticas da poesia do século XX. Tornou-se o poeta plural que antes do dia triunfal (Março de 1914), segundo a sua própria, discutível, mas eficaz interpretação do «milagre», não era. São três principais as versões de si mesmo como «outros» que alcançaram o estatuto poético heteronímico (ser outro poeta não apenas como sujeito de uma visão do mundo particular, mas por virtude da forma em que se encar-

na): Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. (...) Mas os três entretêm entre si, no jogo mesmo das suas diferenças, a nostalgia da unidade de onde o seu criador, sensível mais à ausência de um todo do que à sua realidade, as extraiu como Deus tirou o mundo do nada. (LOURENÇO, 2022, p. 457)

Na obra de Fernando Pessoa encontramos um importante trecho de teoria heteronímica onde o poeta e pensador português reconduz o sentimento da multiplicidade do sujeito à experiência de uma ausência de si e, por conseguinte, a um Nada originário, sentido como a vivência de não se saber quem se é nem se se pode afirmar que se existe enquanto eu:

Não sei quem sou, que alma tenho.

Quando falo com sinceridade não sei com que sinceridade falo. Sou variamente outro do que um eu que não sei se existe.

Sinto crenças que não tenho. Enlevam-me ânsias que repudio. A minha perpétua atenção sobre mim perpetuamente me aponta traições de alma a um carácter que talvez eu não tenha, nem ela julga que eu tenho.

Sinto-me múltiplo.

Sou como um quarto com inúmeros espelhos fantásticos que torcem para reflexões falsas uma única central realidade que não está em nenhum e está em todos.

Como o panteísta se sente onda e astro e flor, eu sinto-me vários seres. Sinto-me viver vidas alheias, em mim, incompletamente, como se o meu ser participasse de todos os homens, incompletamente de cada, individuado por uma soma de não-eus sintetizados num eu postiço. (PESSOA, 2012, pp. 149-150)

A questão da pluralidade do sujeito e a respectiva conexão entre essa questão e a temática da heteronímia na obra pessoana viria a ser subsidiária de duas importantes influências apontadas por Eduardo Lourenço: a poesia de Walt Whitman e a filosofia de Nietzsche.

O impacto da obra de Whitman na criação literária pessoana encontra-se indicada por Eduardo Lourenço no texto «Walt Whitman e Pessoa», onde se lê a seguinte afirmação a respeito da importância de Whitman para a criação heteronímica de Fernando Pessoa, em parti-

cular no que diz respeito à deflagração da obra dos heterónimos Alberto Caeiro e Álvaro de Campos:

Do encontro de Pessoa com a Poesia de Walt Whitman surgiu, segundo hipótese ventilada em outro estudo, a totalidade da arquitectura heteronímia. Latente e subjacente às suas experiências poéticas anteriores a esse encontro decisivo, a heteronímia poder-se-ia ter manifestado sob formas inteiramente diversas das que conhecemos. Mas *os heterónimos, tais como textualmente se concretizaram*, são o resultado da deflagração do universo de Pessoa confrontado com o universo de Walt Whitman. Alberto Caeiro e Álvaro de Campos foram para Pessoa a maneira como *integrou* o impacto fulgurante de Whitman sem se desintegrar ao seu contacto. (LOURENÇO, 2020, p. 396)

A importância da obra whitmaniana para a criação literária pessoana constata-se também através de uma análise da Biblioteca Particular de Fernando Pessoa, na qual encontramos dois livros com textos de Walt Whitman, que são objecto de um detalhado estudo por parte de Patricio Ferrari num artigo intitulado «On the Margins of Pessoa's Private Library» (FERRARI, 2011, pp. 23-71): 1) uma edição publicada 1895 intitulada *Poems by Walt Whitman*, correspondente a uma colectânea de poemas de Whitman, na qual Pessoa deixou a assinatura do seu pré-heterónimo “A. Search” (CFP, 8-664 MN: 1); 2) uma edição, com a data de publicação de 1909, intitulada *Leaves of Grass*, que contém a assinatura “*Fernando Pessôa*” e a data de “16.5.1916” (CFP, 8-580: contra-guarda).

Ao longo dos poemas presentes em *Folhas de Erva* de Whitman encontramos um conjunto de reflexões que apresentam diversos indícios relativos à questão do sujeito como pluralidade, constituindo-se, por conseguinte, como elementos relevantes para a tematização da heteronímia em Pessoa. Um exemplo disso ocorre na parte 5 da secção intitulada «Canto de Mim Mesmo» de *Folhas de Erva* onde encontramos a célebre expressão whitmaniana «o outro que sou»

[«the other I am»] (WHITMAN, 2010, p. 42; CFP, 8-580: WHITMAN, 1909, pp. 42). Ao longo do texto de *Folhas de Erva* encontramos a relação entre a questão da alteridade e a temática da multiplicidade do sujeito, como se pode constatar na parte 51 do «Canto de Mim Mesmo», onde lemos o seguinte trecho: «Contradigo-me? / Muito bem, então contradigo-me / (Sou imenso, contenho multidões)» [«Do I contradict myself?/ Very well then I contradict myself, / (I am large, I contain multitudes.)»] (WHITMAN, 2010, p. 96; CFP, 8-580: WHITMAN, 1909, p. 95).

No que diz respeito à leitura que Eduardo Lourenço realiza da obra pessoana, o ensaísta assinala explicitamente – no texto «Walt Whitman e Pessoa» – a importância da poesia whitmaniana para as questões da pluralidade e da criação heteronímica em Fernando Pessoa, como se pode constatar na seguinte passagem que retoma a questão da influência de Whitman nos heterónimos Alberto Caeiro e Álvaro de Campos:

Como *Caeiro* e *Álvaro de Campos*, Fernando Pessoa separa visões que em *Folhas de Erva* marcham lado a lado sem antagonismo, embora, complicação suplementar, deixando *no interior de cada um desses heterónimos* ecos e traços bem visíveis que nos remetem para *o mundo de contradição aceite e não feliz* de Walt Whitman. (...) Mas tanto um como outro relevam dialéctica e literalmente do único Whitman capital, *do cantor efusivo da pluralidade como essência da Totalidade*.

Esse canto inovador e unanimista que instalou Walt Whitman no círculo da grande poesia universal é mais complexo do que a sua aparente espontaneidade de expressão o insinua. É uma resposta épica e lírica ao obscurecimento histórico e metafísico da anterior visão da Totalidade como distinta, separada da *pluralidade*, que só no seu horizonte e a partir dela tem sentido e existência. A um absoluto separado ou separável das suas manifestações plurais no espaço e no tempo, a uma Transcendência visada como «puro Espírito», Walt Whitman opõe a contemplação mística da mesma pluralidade, a sua diversidade e diversificação infinitas, o «deus devir» que todas as actividades já são e sem cessar constituem. (LOURENÇO, 2020, p. 408)

Relativamente à análise de Lourenço sobre o impacto do pensamento filosófico de Nietzsche na tematização da pluralidade do sujeito em Fernando Pessoa, destacamos o texto intitulado «Nietzsche e Pessoa». Nesse texto de Eduardo Lourenço encontramos a seguinte afirmação que congrega elementos relevantes para a compreensão do influxo das noções nietzschianas de «Super-Homem» e de pluralidade do sujeito – presentes em *Assim Falava Zarathustra* – no «Ultimatum» do heterónimo Álvaro de Campos:

(...) Álvaro de Campos, ou a parte final e pragmática do *Ultimatum*, em que o poeta panfletário e profeta retoma e exalta o ideal do *Super-Homem*, esvaziando-o conscientemente da sua substância nietzschiana ou do que ele supõe, como a sua época, ser tal. Do *Super-Homem* nietzschiano, Pessoa subtrai os atributos que, segundo ele, são incompatíveis com o seu próprio ideal e concepção do *homem superior*, ideal de que também ele, Pessoa, espera a regeneração da Europa e do Mundo. Esses atributos são, entre outros, o do culto da força e a ética da dureza, entendidas na sua versão banal. Na sua concepção, o *Super-Homem* deve ser apenas o *mais completo* – para não deixar nada fora dele –, *mais complexo* e, para escapar à tentação da intolerância e da dureza em relação aos outros e a si mesmo –, finalmente o *mais harmonioso* para conciliar em si as contradições do seu *eu* ou, melhor ainda, as individualidades múltiplas que constituem cada *eu*. (LOURENÇO, 2022, p. 349)

Conforme assinala Eduardo Lourenço, o «Ultimatum» de Álvaro de Campos viria a ecoar a tematização nietzschiana de «Übermensch» («Super-Homem»; «Sobre-Humano»), presente em *Assim Falava Zarathustra* de Nietzsche, apresentando dados igualmente importantes para a temática do sujeito como pluralidade. De facto, ao longo da obra de Fernando Pessoa encontramos indícios do interesse do autor português pela leitura de *Assim Falava Zarathustra*, como é o caso do texto intitulado «António Botto e o Ideal Estético em Portugal». Neste texto de Pessoa sobre Botto lemos a seguinte



citação de *Assim Falava Zaratustra*: «“A alegria”, disse Nietzsche, “quer profunda, profunda eternidade”» (BOTTO, 2010, p. 102). Para além disso, numa lista do espólio pessoano que elenca um conjunto de livros que o poeta português pretendia vender e alguns dos quais efectivamente vendeu, encontra-se a seguinte referência: «Fr. Nietzsche: Así hablaba Zaratustra» (RIBEIRO, SOUZA, 2017, p. 153). Tendo em consideração que a Biblioteca Particular de Fernando Pessoa não apresenta livros do autor alemão, esta referência constitui-se como um elemento importante por dois motivos: primeiro, porque configura-se como o testemunho de que Pessoa chegou a possuir o livro *Assim Falava Zaratustra*, o qual viria depois a vender; segundo, porque nos indica que o poeta e pensador português leu uma versão espanhola desse livro.

Feitas estas considerações, importa agora apresentar as noções de «Super-Homem» e de sujeito como pluralidade apresentadas por Nietzsche em *Assim Falava Zaratustra* para se compreender de que modo estas noções viriam a encontrar eco no «Ultimatum» de Campos. Na secção intitulada «Prólogo de Zaratustra» do livro *Assim Falava Zaratustra*, o autor alemão diz-nos a respeito da noção de «Super-Homem»:

Ensino-nos o Super-Homem. O homem é algo que deve ser ultrapassado. O que haveis vós feito para ultrapassá-lo?

«Todos os seres, até agora, criaram algo para além de si próprios: e vós quereis ser a vazante dessa grande maré e antes voltar ao animal do que ultrapassar o homem?»

(...)

Vede, eu ensino-vos o Super-Homem!

O Super-Homem é o sentido da terra. Que a vossa vontade diga: o Super-Homem *seja* o sentido da terra! (...)» (NIETZSCHE, 1998, p. 14)

Na sequência de *Assim Falava Zaratustra*, encontramos um capítulo intitulado «Dos Desprezadores do Corpo», onde Nietzsche nos fala do sujeito como corpo e do corpo como multiplicidade:

“Sou corpo e alma” – assim fala a criança. (...)

Mas aquele que se encontra desperto, aquele que sabe diz: Sou inteiramente corpo e nada além disso; a alma é uma palavra para algo no corpo.

O corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um sentido, uma guerra e uma paz, um pastor e um rebanho. (NIETZSCHE, 1998, p. 39)

Esta defesa nietzschiana do sujeito como multiplicidade viria a encontrar lugar no «Ultimatum» de Campos, onde lemos – a propósito da abolição do preconceito da individualidade – a seguinte afirmação que deixa explícita a questão do sujeito como pluralidade:

Abolição do preconceito da individualidade. – É outra ficção teológica – a de que a alma de cada um é una e indivisível. A ciência ensina, ao contrário, que cada um de nós é um agrupamento de psiquismos subsidiários, uma síntese malfeita de almas celulares. Para o autossentimento cristão, o homem mais perfeito é o mais coerente consigo próprio; para o homem de ciência, o mais perfeito é o mais incoerente consigo próprio. (PESSOA, 2022, p. 96)

Neste trecho, Campos caracteriza a noção de subjectividade como um «agrupamento de psiquismos subsidiários» (PESSOA, 2022, p. 96) e especifica que esse agrupamento corresponde a uma «síntese malfeita de almas celulares» (PESSOA, 2022, p. 96). A referência a psiquismos subsidiários e à noção de almas celulares aponta para a noção nietzschiana de sujeito como corpo e do corpo como multiplicidade presente no capítulo «Dos Desprezadores do Corpo» de *Assim Falava Zaratustra*. Na sequência do «Ultimatum» encontramos outra passagem, relativa às repercussões em arte da abolição do preconceito da individualidade, que também apresenta diversos elemen-

tos relevantes para a questão do sujeito como multiplicidade no contexto da criação heteronímica pessoana:

Abolição do dogma da individualidade artística. O maior artista será o que menos se definir, e o que escrever em mais géneros com mais contradições e dissemelhanças. Nenhum artista deverá ter só uma personalidade. Deverá ter várias, organizando cada uma por reunião concretizada de estados de alma semelhantes, dissipando assim a ficção grosseira de que é uno e indivisível. (PESSOA, 2022, p. 97)

Os elementos que temos vindo a evidenciar a propósito da relação entre Nietzsche e Pessoa culminam, no final do «Ultimatum» de Campos, com caracterização do «Super-Homem» como o mais completo, o mais complexo e o mais harmónico, conforme se lê no seguinte trecho:

Proclamo, para um futuro próximo, a criação científica dos Super-homens! (...)

E proclamo também: Primeiro:

**O Super-homem será, não o mais forte, mas o mais completo!**

E proclamo também: Segundo:

**O Super-homem será, não o mais duro, mas o mais complexo!**

E proclamo também: Terceiro:

**O Super-homem será, não o mais livre, mas o mais harmónico!**

(PESSOA, 2022, p. 100)

Por fim, uma última evidência importante para a análise lourenciana relativa ao eu como ficção e à questão da heteronímia em Pessoa diz respeito aos paralelos que Eduardo Lourenço encontra entre a obra de Fernando Pessoa e a escrita de Søren Kierkegaard e que se constitui como objecto de estudo do texto «Kierkegaard e Pessoa ou as máscaras do absoluto» escrito pelo filósofo e ensaísta português. Embora Kierkegaard não tenha sido uma influência directa na obra pessoana, o estudo relativo à tematização do emprego de máscaras

literárias em Pessoa e na escrita kierkegaardiana configura-se como um dos momentos importantes das relações entre pluralidade e heteronímia na criação literária do poeta e pensador português. No estudo sobre Kierkegaard e Pessoa, Eduardo Lourenço deixa-nos a seguinte indicação a respeito da questão da máscara e das conexões entre a pseudonímia kierkegaardiana e a heteronímia pessoana:

Kierkegaard e Pessoa, cada um à sua maneira, são dois heróis culturais para quem a questão da máscara e do rosto foi a *única* questão. «Poeta religioso» o primeiro, poeta do «religioso-outro» o segundo, ambos representam duas expressões insuperáveis da dialéctica viva do rosto e da máscara, do absoluto e do eu.

Já se aludiu, mas muito de passagem, à singular semelhança entre o complicado jogo de *pseudónimos* em Kierkegaard e ao não menos complicado e labiríntico espelhismo dos *heterónimos* de Fernando Pessoa. Não há dúvida que é tentador aproximar o gosto imoderado de Kierkegaard pelo emprego de autores-máscaras encarregados de ilustrar *pontos de vista real ou aproximadamente inconciliáveis sobre a existência*, e as *criaturas-autores* saídas da pluma de Pessoa, ou como ele o cria ou fingia crer tomando-lhe a pena da mão para existir mais fundo e absolutamente que o mesmo Pessoa. Com efeito, a pseudonímia não é nunca inocente e menos que outras a foi a do autor de *O Conceito de Angústia*. Comentadores perplexos falaram a seu respeito da «produção muitas vezes mistificadora». Exactamente o que se disse da obra de Fernando Pessoa. Todavia, existe um acordo geral para afirmar que as mais admiráveis obras de Kierkegaard são precisamente as obras *pseudónimas*, como os mais extraordinários de Pessoa aqueles *Pessoas-outros* que chamamos Caiiro e Álvaro de Campos ou Reis. (LOURENÇO, 2020, pp. 461-462)

Quem lê as considerações acerca da máscara presentes neste texto não poderá deixar de constatar os íntimos paralelos entre as considerações de Eduardo Lourenço a respeito de Pessoa e Kierkegaard e o seguinte soneto inglês do ortónimo que poderia, até certo ponto, servir como arte poética da escrita do filósofo dinamarquês:

Ah quantas máscaras e submáscaras  
Usamos sobre a alma! E quando, a gosto,  
A alma tira a última das máscaras

Será que ela conhece o simples rosto?  
A vera máscara não está por trás  
Mas espreita por ela conivente,  
O hábito aceite, sonolento faz  
Tudo o que começa consciente.  
Como a criança teme a própria face,  
A nossa alma, criança também,  
Julga ser de outro o rosto em seu disfarce  
E um mundo lhe vem de se enganar;  
E até o pensar uma máscara tem  
Quando quer a alma desmascarar.  
[How many masks wear we, and undermasks,  
Upon our countenance of soul, and when,  
If for self-sport the soul itself unmasks,  
Knows it the last mask off and the face plain?  
The true mask feels no inside to the mask  
But looks out of the mask by co-masked eyes.  
Whatever consciousness begins the task  
The task's accepted use to sleepness ties.  
Like a child frightened by its mirrored faces,  
Our souls, that children are, being thought-losing,  
Foist otherness upon their seen grimaces  
And get a whole world on their forgot causing;  
And, when a thought would unmask our soul's masking,  
Itself goes not unmasked to the unmasking.]  
(PESSOA, 2022, pp. 177-178)

Um dado de relevo para o paralelo que Lourenço estabelece entre Kierkegaard e Pessoa corresponde à circunstância de a escrita pseudonímica do autor dinamarquês, assim como a criação heteronímica do poeta e pensador português, implicarem a fabricação de escritores diferentes com concepções do mundo igualmente diversas (embora em Kierkegaard não chegue a haver escritas diversas como na heteronímia pessoana), o que leva Lourenço a afirmar que nos pseudónimos kierkegaardianos não encontramos uma «pseudonímia banal» (LOURENÇO, 2022, p. 463). Lemos, nesse sentido, a seguinte passagem do texto «Kierkegaard e Pessoa ou as máscaras do absoluto», onde Eduardo Lourenço comenta um trecho de um biógrafo do filósofo dinamarquês:

Como escreve um dos seus recentes biógrafos, Frithiof Brandt, «a sua intenção fora a de imaginar escritores diferentes que apresentariam diferentes concepções de vida, aquilo a que chamou “estádios do caminho da vida”». Sem corresponder ao fenómeno que Pessoa baptizara de *heteronímia* – quer dizer, não apenas escritores diferentes responsáveis por diferentes concepções da vida mas *escritas diferentes encarnando diferentes visões do mundo* –, não há dúvida que uma insólita paixão pseudonímica aponta para uma relação perturbada (e perturbante) do eu consigo mesmo e os outros, como aquela a que Fernando Pessoa vai conferir uma expressão que uns situam nos limites patológicos e outros (como eu mesmo) incluem na esfera da *normalidade mítica* do espírito moderno. (LOURENÇO, 2020, pp. 462-463)

É no contexto deste confronto entre Kierkegaard e Pessoa que Lourenço estabelece a criação poética do autor português enquanto algo que se encontra radicado num «eu ontologicamente plural» (LOURENÇO, 2020, p. 464) como génese da heteronímia pessoana. Assim, paralelamente a um vazio ou nada ontologicamente original, a obra de Eduardo Lourenço apresenta-nos, na sua interpretação da criação de Pessoa, o eu como ontologicamente plural, que se constitui – em concomitância com o Nada originário – como condição da criação heteronímica. Lemos, nesse sentido, a seguinte passagem:

Em verdade, Pessoa, o *indivíduo Pessoa* havia-se volvido *nação* e acaso, demoniacamente, para parafrasear o texto evangélico, *legião...* A sua Poesia inteira só existia e só adquiria sentido como expressão do intolerável (ou impossível) por excelência: *um eu ontologicamente plural* ou na linguagem mais poética de Álvaro de Campos: *uma sucessão de contas-entes sem fio entre elas*. Não havia centro, não havia Fernando Pessoa, não há *peessoas*, mesmo sem ser fernandos: *há apenas uma ausência radical do eu a si mesmo, um vazio original, informe e sem nome*, apto a revelar-se (inutilmente, aliás) sob *mil* nomes. Tal é o mito da heteronímia (...). (LOURENÇO, 2020, p. 464)

Todos os elementos que temos vindo a apresentar possibilitam compreender o lugar central da questão do eu como ficção para a análise que Eduardo Lourenço efectua da questão da heteronímia,

assim como as influências de Whitman e Nietzsche e o paralelo com a escrita de Kierkegaard como dados que contribuem para caracterização da leitura lourenciana de Fernando Pessoa.

## REFERÊNCIAS

- BOTTO, António. **Canções**. Edição, prefácio e notas de Jerónimo Pizarro e Nuno Ribeiro. Lisboa: Guimarães, 2010.
- FERRARI, Patricio. On the margins of Fernando Pessoa's private library: a reassessment of the role of marginalia in the creation and development of the pre-heteronyms and in Caetano's literary production. **Luso-Brazilian Review**, vol. XLVIII, no. 2, 2011, pp. 23-71.
- LOURENÇO, Eduardo. **O lugar do anjo. Crítica pessoana II (1983-2017) – Obras completas de Eduardo Lourenço XI**. Coordenação, introdução e notas de Pedro Sepúlveda. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2022.
- LOURENÇO, Eduardo. **Pessoa revisitado. Crítica pessoana I (1949-1982) – Obras completas de Eduardo Lourenço IX**. Coordenação, introdução e notas de Pedro Sepúlveda. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2020.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Also sprach Zarathustra, Kritische Studienausgabe 4**. Hrsg. G. Colli und M. Montinari. Berlin/Munique: Walter de Gruyter, 1998.
- PESSOA, Fernando. **Sobre a heteronímia**. Edição de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim, 2022.
- PESSOA, Fernando. **Teoria da heteronímia**. Edição de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim, 2012.

REAL, Miguel. **Pessoa & Saramago**. Lisboa: D. Quixote, 2021.

RIBEIRO, Nuno, SOUZA, Cláudia (eds.). **Fernando Pessoa, Schopenhauer & Nietzsche**. Lisboa: Apenas Livros, 2017.

WHITMAN, Walt. **Folhas de erva**. Tradução de Maria de Lourdes Guimarães. Lisboa: Relógio D'Água, 2010.

WHITMAN, Walt. **Leaves of grass**. Cassell and Co., 1909. [CFP, 8-580]

WHITMAN, Walt. **Poems by Walt Whitman**. Edited by William Thomas Stead. Masterpiece Library, 1895. [CFP, 8-664 MN]